

Palestra do Guia Pathwork® n° 139
Palestra não editada
7 de janeiro de 1966

AMORTECIMENTO DO CENTRO VITAL PELA MÁ INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

Saudações, meus caros, caríssimos amigos. Bênçãos para todos vocês. Abençoada seja esta noite. Possa o entendimento desta palestra abrir a sua mente e a sua visão para que possam dar mais um passo no caminho do autorrealização.

Parece que uma das conquistas mais difíceis é entender plenamente a situação atual, como ela é resultado direto da pessoa. Exatamente porque esse entendimento é muito imediato, muito próximo, ele parece muito distante. Exatamente porque é tão fácil captá-lo, ele parece exigir muito esforço e luta. Depois que a pessoa descobre o “truque”, fica tão fácil, tão natural, fica evidente que ele esteve “aqui” o tempo todo. Mesmo vocês, meus amigos, que já estão neste caminho há um bom tempo, ainda passam por cima e deixam de ver a si mesmos como são. E não entendem sua situação atual, o que ela significa em termos do ser mais profundo, porque muitas vezes o mecanismo de fuga está tão entranhado que a pessoa tende a não ver aquilo que é mais significativo. Esta palestra é mais uma que tem como objetivo sacudi-los, deixá-los mais conscientes, fazer com que despertem para si mesmos e para sua situação exterior imediata.

Sempre que o homem se encontra numa situação não desejável, que o deixa insatisfeito de alguma forma, normalmente seu vago descontentamento faz com que ele lute por passar para outra situação. Um rumo nítido e um conceito preciso de um modo de vida melhor só podem existir quando a situação atual, com sua carência, é totalmente entendida. Lutar por outra situação enquanto a atual não é perfeitamente entendida resulta fatalmente em fracasso e frustração.

E como é possível entender plenamente a situação atual, meus amigos? Isso só pode ser feito, em primeiro lugar, tomando plena consciência daquilo que vocês realmente sentem falta. É preciso verbalizar, dizendo exatamente o que vocês gostariam que fosse diferente na sua vida. Essa precisa ser a primeira tomada de consciência. A segunda tomada de consciência precisa ser o seu grau de sofrimento por causa dessa carência. Pois isso muitas vezes é deixado de lado e não é de fato reconhecido. Até que ponto vocês realmente sentem falta do que falta? Não se contentem com um reconhecimento vago, genérico. É preciso trazer à tona toda a intensidade dos anseios e frustrações parcialmente reprimidos. A terceira tomada de consciência, a esse respeito, deve ser a compreensão completa da sua situação. E isso, naturalmente, significa que, depois dos reconhecimentos acima, vocês descubram como acabaram suportando a atual situação. É essencial vocês terem um entendimento profundo da maneira como essa situação é um resultado direto de vocês mesmos – como isso aconteceu.

Sei que já falamos muitas vezes sobre isso. Se vou repetir agora, não é apenas em relação à palestra que vai se seguir, mas também porque vejo entre vocês, meus amigos, apesar dos bons avanços feitos, que isso ainda é em grande parte deixado de lado. Portanto, peço que todos acompanhem essa fórmula simples e prestem bastante atenção no que estão sentindo agora, no que experimentam agora, e por que isso acontece. De que forma a sua situação externa é uma representação simbólica do seu estado de ser interior? Quando vocês finalmente descobrirem que o estado exterior, por mais indesejável que ele seja, é exatamente o resultado do que vocês são, e do que pensam, sentem e querem, e quando em seguida entenderem que a situação exterior não poderia ser nem um pouco diferente em vista do que vocês pensam, sentem e querem, e da maneira como agem, reagem e da atitude que têm; quando vocês souberem profundamente que ela não poderia ser nada diferente, nesse caso vocês terão explorado, assimilado e entendido seu presente, sua situação total. Essa compreensão, essa situação, essa análise em profundidade resultam no conhecimento de que qualquer situação é como é por causa de uma ligação direta com o ser interior. É preciso constatar que a situação atual é o resultado exato da soma total da personalidade. Isso inclui, naturalmente, também as circunstâncias favoráveis. Quando vocês deixam de ver e menosprezam o prazer de todas as boas circunstâncias da vida, vocês estão proporcionalmente inconscientes de seus valores. À medida que vocês aprendem, a cada momento, a valorizar, a apreciar, a desfrutar o que a vida lhes oferece, tomam consciência, simultaneamente, do que há de bom em vocês, de seus valores e pontos fortes. Isso vai lhes dar mais força para sair dos círculos viciosos e das atitudes negativas geradas pelo eu, tornando mais realista o entendimento da situação indesejável em seus aspectos de ligação com a personalidade interior. Vocês vão obter um quadro mais completo da situação total de vocês mesmos e, portanto, da sua vida.

Enquanto vocês só tiveram uma vaga noção daquilo que lhes faz falta e enquanto negarem o que lhes faz falta, não conseguirão entender a sua vida. Entender a própria vida dessa maneira é a chave para transformá-la em algo mais desejável e satisfatório.

A maioria dos meus amigos do caminho já teve uma ou outra oportunidade de entender sua vida e a si mesmos como uma unidade, da maneira mencionada acima. Esses momentos são sempre profundas experiências da realidade de ser, de vibrante vivacidade, de luz e verdade. Parece muito difícil simplesmente porque é algo tão imediato e tão próximo. Parece muito mais fácil desejar algo vagamente diferente, ou até mesmo precisamente diferente, num estado de descontentamento e esforço tenso, de queixa, ressentimento e autopiedade, ignorando ao mesmo tempo (a) a intensidade do anseio real, (b) a existência de ressalvas a esse anseio real, (c) suas “razões,” (d) os consequentes pensamentos, sentimentos, emoções, atitudes interiores e exteriores, (e) o efeito que esses elementos necessariamente têm sobre os outros, criando assim a situação presente. Também é muito comum deixar de ver que a situação presente é o resultado de muitos anos de padrões profundamente arraigados de pensamento, ação e sensação, e que não pode mudar de uma hora para outra depois de alguns reconhecimentos. O efeito desses reconhecimentos se dilui novamente quando eles não acarretam um resultado imediato. Essa expectativa de instantaneidade contém atributos idênticos aos das exigências que a criança faz à vida, à recusa raivosa em cooperar com as leis da vida, que com toda certeza fazem parte das razões da própria insatisfação. Isso também leva a pessoa a não enxergar o bem que possui, a deixar de desfrutar e apreciar esse bem.

Quando a pessoa ignora a unidade entre o eu mais profundo e a situação exterior, é sempre porque ela foge de si mesma. Ela não quer ver verdadeira e completamente a si mesma como de fato é – mas apenas de uma maneira limitada e com ressalvas. Perguntem a si mesmos, todos vocês, se realmente querem se enxergar por completo, como são? Vocês cultivam esse objetivo, expressando esse desejo, principalmente nos momentos de descontentamento e desarmonia? Ou se apressam em apresentar “explicações” exteriores para a desarmonia? Ou talvez admitem, em geral, que a explicação deve estar em vocês, porque já conhecem bem a verdade sobre essas questões, mas deixam a situação nesse pé, sem vontade de enxergar de fato? A simples fórmula de expressar a intenção profunda e completa, o desejo de ver toda a verdade sobre si mesmos, em todas as ocasiões, ainda não é usada o suficiente. Poderia haver uma libertação muito maior se esse procedimento fosse adotado mais detalhadamente e com mais atenção do eu à situação do momento.

Os motivos dessa forte tendência a fugir de si mesmo – e portanto inevitavelmente da vida, com todas as suas boas possibilidades – são muitos. No decorrer destas palestras, falamos sobre muitos dos possíveis motivos e razões da fuga. Vamos agora nos voltar especificamente para um aspecto que, no passado, abordei apenas de maneira geral e vaga, pelo simples motivo de que nenhum de vocês estava realmente pronto para encará-lo. Ele só poderia ser discutido e abordado em termos muito gerais. Nos últimos meses vários de vocês fizeram um considerável progresso, e portanto o que vou dizer agora pode ser aceito e encarado por muitos de vocês. Alguns já chegaram a ver, outros ainda lutam muito contra esse aspecto.

O aspecto que quero discutir não é a simples hostilidade. A hostilidade tornou-se um termo muito vago. Quase perdeu o sentido, de tanto que foi usado. Vamos, de propósito, falar com a maior clareza possível. Na maioria dos seres humanos – em alguns mais, em outros menos – existem elementos de crueldade. É difícil encarar essa crueldade. Mas quando vocês a encaram, sentem alívio e libertação, porque nada mais barra o caminho para a total sinceridade consigo mesmos. Enquanto a crueldade que existe em seu íntimo não for totalmente encarada, enquanto vocês fugirem dela, não conseguirão ter clareza e sentir-se à vontade, sem medo, descontraídos consigo mesmos. Vocês não poderão ser bons amigos de si mesmos. Vocês podem ser bons amigos de si mesmos quando aceitam, reconhecem, entendem e trabalham, com abertura e franqueza, esses aspectos cruéis, antes mesmo de poderem eliminá-los por completo. Mas enquanto vocês lutarem contra a crueldade da maneira errada e contraproducente, ou seja, mediante a negação e a ocultação, fatalmente entrarão em constante atrito consigo mesmos e, portanto, também com a vida e com os outros. Vocês não se sentem bem na sua própria pele; dessa maneira, parece que a vida e vocês mesmos estão errados; aparecem problemas sem solução. As soluções só surgem no horizonte na medida exata em que vocês encaram aquilo que, em si mesmos, lhes causa mais medo – que normalmente é a crueldade. Vocês não conseguem pensar em nada pior. Nada pode atemorizá-los mais do que esse aspecto de si mesmos. Um bom gabarito para determinar a existência ainda não reconhecida da crueldade interior é avaliar o grau de medo que resta em vocês – medo dos outros (em geral ou de pessoas específicas), medo da vida, medo da morte, medo do desconhecido. Quanto mais vocês têm medo da impiedade e da separação, da rejeição e da humilhação, da crueldade física e mental, tanto mais esses mesmos aspectos estão dormentes no eu, ainda não totalmente reconhecidos. Enquanto a situação for essa – independentemente do tamanho dos aspectos não reconhecidos – vocês vivem em conflito. Vocês fogem das áreas da vida que parecem difíceis e desconfortáveis. E simplesmente porque são desagradáveis para vocês agora, elas contêm a chave de que precisam, se ao menos vocês deixassem de fugir, se olhassem de fato para si mesmos e vissem do que fogem ao evitar determinadas situações interiores e exteriores, e vissem por que agem assim. Nesses casos reside o segredo que vocês ainda

não estão dispostos a revelar, apesar de todas as boas intenções. Mas enquanto vocês não puderem encarar a si mesmos e aos outros sem reservas, não poderão se realizar. Isso significa que vocês querem continuar enganando a si mesmos, evitando esses aspectos. Talvez tenham uma vaga noção deles, mas há uma grande diferença entre uma vaga noção e o exame real.

Quem já começou a fazer isso já superou o pior. Não é necessariamente uma questão de tempo, do tempo que a pessoa está neste caminho – absolutamente não é.

Agora vamos discutir por que existe a crueldade. Depois de reconhecer sua existência, o que fazer? Antes de voltar à resposta a essa pergunta, vou mencionar o centro interior do homem, que ativa nele tudo de que ele precisa para viver de maneira produtiva. Esse centro vital lhe fornece energia, força vital, sabedoria, visão, soluções, amor e harmonia. Esse centro vital existe bem no âmago de cada pessoa. Num jovem, numa criança, ele se manifesta como um ponto muito vulnerável. Sua própria vivacidade provém de um centro tenro, brando e vulnerável. Quando a criança é magoada e fica confusa, quando entende mal o que acontece à sua volta, ela começa a enrijecer esse ponto vulnerável, como uma defesa contra essa abertura. Por meio de vários mecanismos que são assim instituídos, o centro vital passa a ser recoberto, oculto por substâncias mais duras. Sem o entendimento adulto e realista – isto é, sem um ego maduro – a criança não consegue lidar com esse centro vital brando e maleável, que contém as mais potentes, criativas e inteligentes forças. Para sua própria proteção, ela separa o centro vital da consciência. No entanto, quando a criança se transforma em adulto, quando o ego amadurece, essa separação se torna uma desvantagem lamentável. A pessoa passa a ter uma vida mutilada, deixando de fora o aspecto melhor e mais confiável de seu ser. É somente quando ela começa a trazê-lo novamente à tona e integrá-lo ao ego adulto que a personalidade fica inteira e capaz de lidar com a vida.

Vocês podem averiguar a existência desse centro vital desguarnecido e vulnerável não apenas se lembrando da infância, com suas fortes emoções e experiências profundas (positivas e negativas), mas também quando observam a si mesmos, e não podem deixar de tomar consciência dos momentos em que esse ponto vulnerável apareceu. Podem observar ainda como, em seguida, começaram a torná-lo invulnerável. Em outras palavras, vocês continuam a usar o processo instituído na infância, mas que agora funciona para grande prejuízo de vocês, pois é a maneira errada de se protegerem e lidarem melhor com a vida. Existem vários meios de desativar o centro vital: pela separação, pelo retraimento, pelo endurecimento de si mesmos; pelo entorpecimento dos sentimentos; pela negação dos sentimentos reais e sua substituição por simulacros; e também pela crueldade. Todas essas medidas servem para tornar invulnerável o ponto vulnerável dentro de vocês, pois essa parece ser a única forma “segura”. Vocês deixam de ver e ignoram o fato de que a própria vulnerabilidade é o material, por assim dizer, com o qual vocês administram a sua vida da maneira mais dinâmica e frutífera. Pois esse ponto vulnerável é o centro vital do qual provém toda a energia e toda a sabedoria. É o que torna possível a experimentar, apreciar, ter e dar prazer com plenitude. A maneira mais construtiva e significativa de usar a potente energia proveniente desse centro vital é a percepção de que esse centro deve tornar-se um aspecto consciente a ser integrado ao ego. Se isso for dificultado por mau entendimento e ignorância, a energia se transformará em destrutiva, o poder será invertido, e o resultado será o caos, a separação, a desintegração, a confusão, o sofrimento, e uma divisão e entorpecimento interiores que fazem a vida parecer difícil, feia, distante e sem sentido.

A ativação do eu real, ou centro divino, não é algo que vem de fora ou mesmo de dentro como uma coisa muito distante que vocês ainda não tenham experimentado. Em muitas ocasiões vocês

o experimentam de maneira vaga e indistinta – até mesmo nas ocasiões de tristeza natural, não exagerada. Mas vocês fazem questão de negar essa experiência, pois não sabem como lidar com ela, como manejá-la; assim, tornam a experiência rasa, impedem as dimensões mais profundas e mais ricas que vêm do centro mais interior.

Enquanto esse centro permanece na situação em que estava na infância, ele ainda não tem condições de lidar com a vida. A sabedoria interior contida no centro vital somente começa a manifestar-se após a integração com o ego. No estado infantil, o centro interior está simplesmente ativo, cheio de sentimentos, de energia e de capacidade de experimentar, de sentir prazer, de potenciais de criatividade e inteligência ainda não utilizados. O que vocês precisam aprender agora a fazer é (1) observar a existência do centro vital, (2) observar a mecânica que vocês usam para desestimular suas manifestações e enrijecer o ponto vulnerável, (3) deixar, intencionalmente, de fazer isso e permitir seu desenvolvimento. Com meditações adequadas, ocorrerá a integração entre o ego e o centro vital, para que a substância deste se torne mais forte e resiliente, sem perder sua branda vivacidade.

Vocês se encontram na difícil situação de possuir um ego adulto com todas as suas faculdades intactas, mas separadas do centro vital vulnerável. Esse centro vital vulnerável está separado das faculdades do ego, da consciência desperta – e esse é o problema de vocês.

Quanto mais o centro vital é, de uma maneira irrealista e inadequada, “defendido” e bloqueado, negado e encoberto, tanto mais aparecem aspectos que despertam vergonha e culpa no homem. Uma de suas formas mais graves é a dos impulsos de crueldade. A crueldade cessará de fato nas profundezas da alma humana, não apenas nos atos e pensamentos conscientes, mas também nas emoções inconscientes, quando o centro vital não for negado e entravado, e sim reconhecido, observado, quando seu funcionamento for permitido. Os intensos sentimentos desse centro vital podem ser cotejados com a realidade, à medida que ele se desenvolve. As faculdades do ego ajudarão nesse processo; a razão e a inteligência corrigirão os desequilíbrios e os desvios em relação à realidade. Mas quando a razão é usada para negar a profundidade, a amplitude e a riqueza dos sentimentos que se manifestam vindos do centro vital, a personalidade humana mutila a si mesma e fica em desequilíbrio. Vocês precisam unir a manifestação do centro vital, com sua vulnerabilidade, sua força de sentimentos, ao entendimento adulto, às faculdades do ego.

A crueldade somente pode existir como resultado de uma separação entre esse centro vital e o ego. Em termos mais práticos, a crueldade existe porque a realidade é mal interpretada, o que faz a pessoa desativar ainda mais o centro vital. Não é apenas a criança que interpreta mal os acontecimentos à sua volta. Onde a criança fez isso é exatamente onde o adulto continua a fazer até agora, a menos e até que descubra e corrija a situação. Todos vocês, nas áreas em que sentem dificuldades, continuam interpretando mal a realidade. Vocês não percebem o que se passa à sua volta, não vêem as coisas como realmente são, mas as entendem equivocadamente.

Como vocês podem descobrir esses equívocos? Somente quando reconhecem, primeiro para si mesmos, em que realmente acreditam, e depois entendem e interpretam o que isso significa. Isso se aplica a tudo que faz vocês sentirem desarmonia. Perguntem a si mesmos qual é a sua interpretação do que os outros sentem e pensam em relação a vocês.

Vamos dar um exemplo prático para facilitar a compreensão. Um exemplo comum é que vocês se sentem desconsiderados, discriminados, rejeitados. Normalmente, admitem esse fato apenas

vagamente. Podem até admitir em palavras, mas não admitem nem reconhecem plenamente até que ponto sentem isso, por que sentem isso, e o que os faz acreditar que seus sentimentos são justificados e adequados. Podem então passar para o próximo passo e perguntar a si mesmos: “Isso é real ou apenas a minha crença? Poderia ser diferente?” Mesmo quando vocês admitem o sentimento de rejeição, normalmente deixam as coisas nesse ponto, e vivem numa névoa, numa neblina em que a realidade ou não da questão deixa de ser totalmente examinada. Pode ser que digam, de alguma maneira vaga, que talvez não seja real, mas em outro nível acreditam de fato que é real, e esse nível não é totalmente encarado e examinado.

A crueldade, que é o maior obstáculo ao autoexame, à vida com sua beleza de dinamismo e ousadia de cada agora, e que é o principal fator da fuga de si mesmos, resulta em última análise da má interpretação da realidade. Vocês não podem interpretar corretamente a realidade enquanto não enunciarem com clareza e precisão aquilo em que acreditam, como interpretam os acontecimentos que parecem acarretar mágoas e defesas, e enquanto não considerarem a possibilidade de que as coisas poderiam ser diferentes do que vocês acreditam.

Falei aqui sobre vários pontos que, no trabalho de vocês, precisam ser combinados.

Ponto nº 1: Uma situação indesejável, uma falta de realização, um vazio não podem ser eliminados e transformados em uma situação mais desejável se vocês não entenderem a situação atual no sentido de que ela não pode ser diferente porque vocês não reconhecem plenamente a causa que está em vocês.

Ponto nº 2: Vamos separar a admissão da falta, que é o primeiro ponto, do segundo, que é o reconhecimento daquilo em vocês que provocou a falta, para que sintam profundamente a unidade entre o eu e a situação de vida.

Ponto nº 3: Os seus aspectos cruéis constituem as principais razões de toda a resistência e medo em relação ao autoexame. Muitas vezes, só é possível descobrir esses aspectos cruéis quando a pessoa admite seu medo. Não se esqueçam da importante correlação entre o medo dos outros ou de qualquer outra faceta exterior da vida e o medo da sua crueldade não reconhecida. Mas se estiverem livres da crueldade, nunca mais terão medo dos outros.

Ponto nº 4: Averiguar em que momento o centro vital está desguarnecido, mas desguarnecido como no estado vulnerável de uma criança que ainda não integrou essas energias e sentimentos às faculdades do ego. Quando essa integração ocorre, o centro vital vulnerável não é mais vulnerável no sentido negativo, perigoso ou debilitante, mas sim de uma maneira boa, maravilhosa. Ele é flexível, vivo, vibrante, e cheio de sentimentos fortes e maravilhosos sem os quais não pode haver prazer, nem alegria, nem felicidade. A tremenda força e inteligência contidas nesse ponto vulnerável regerá todos os seus atos e atitudes. Ele provocará pensamentos e emoções que darão frutos em volta de vocês. Ele fará com que vocês sejam totalmente construtivos em tudo que fizerem. Vocês vão querer prestar a melhor e maior atenção a tudo que vivenciam, a todos os seus empreendimentos. Nada será feito com indiferença, com desatenção ou com motivação dividida; portanto, o resultado será cada vez mais desejável e satisfatório. Essa é uma atenção em que não há tensão. Vocês serão levados por uma força arrebatadora, maravilhosa. Em vez de encobrir o ponto vulnerável, vocês vão trazê-lo à tona. Em vez de fugir dos sentimentos desse ponto vulnerável, vocês vão am-

pliar a área de vitalidade, fortalecida com a nova resiliência proveniente da compreensão da realidade e da interpretação correta do que se passa com vocês e com os outros.

Depois que esse ponto vulnerável for integrado ao ego, mesmo nas etapas iniciais, já terão atingido o objetivo nesse aspecto particular do processo evolutivo. Vocês precisam seguir os pontos que indiquei. É necessário relacionar os seus medos com a sua crueldade não reconhecida. Descubram por que essa crueldade resulta da interpretação equivocada. Sondem seu íntimo sobre as razões desses impulsos cruéis. Quando fizerem isso, reconheçam o que os magoa, o que gostariam que fosse diferente, o que vocês acreditam que lhes acontece por causa dos outros, por causa da vida. Ao enunciarem isso em palavras precisas, deem o passo seguinte. Perguntem a si mesmos se a sua crença nisso ou naquilo está de acordo com a realidade.

Agora, meus amigos, não deixem que esta palestra seja um estudo teórico. Na medida em que vocês a usarem para si mesmos, vão transformá-la em realidade. Alguns de vocês já começaram a fazer isso no trabalho pessoal. Outros ainda não iniciaram essa etapa. Mas eu espero, se não hoje, pelo menos no próximo período de perguntas e respostas, que vocês me apresentem problemas desse tipo. Por exemplo, vocês vão fazer primeiro determinados reconhecimentos a esse respeito quando começarem a enunciar exatamente o que os magoa e por quê. Podem começar por aí, e eu posso ajudar daí por diante. Vamos avaliar juntos se essa mágoa é ou não justificada. Vocês acham realmente que deveria ser assim? No momento em que conseguirem questionar a realidade da sua sensação de desconsideração e mágoa, vocês terão um alicerce firme para prosseguir. Enquanto não conseguirem fazer essa pergunta, por ainda não saberem o que sentem, vocês terão de buscar o caminho adequado na fase do trabalho do caminho que estiverem atravessando.

Talvez alguns de vocês tenham ciência da crueldade, pelo menos de uma maneira vaga. Nesse caso, podem prosseguir a partir daí. Alguns talvez tenham muita consciência de seus medos, mas estão separados do outro lado da moeda, ou seja, os impulsos cruéis em si. Outros podem ter uma aguda percepção de suas insatisfações, de qualquer tipo de situação atual indesejável, mas ainda não associaram isso às causas interiores mais profundas. Outros ainda podem ter conseguido fazer isso até certo ponto, mas deixam de ver os raros casos em que seu ponto verdadeiramente vulnerável vem à tona, e ainda não observaram como conseguem fugir dele, como o encobrem, endurecem ou entorpecem de uma maneira ou de outra. Essas são possibilidades para o trabalho de vocês daqui por diante. Alguns de vocês têm consciência de um ou mais desses aspectos, mas não dos outros. Mas nenhum de vocês tem consciência de todos os aspectos. Que todos vocês juntem esses pontos, não como uma compreensão intelectual, mas como experiência profundamente sentida. Isso, de fato, vai dar a vocês coragem e a sensação de libertação. Nenhum desses aspectos é igualmente forte em todas as pessoas. Em alguns de vocês, por exemplo, a área de ilusão e má interpretação da realidade é relativamente pequena. São pessoas racionais e realistas em muitas áreas, enquanto a má interpretação da realidade se aplica apenas a algumas áreas, que podem estar tão ocultas, podem ser tão vagas, tão sutis e elusivas que é difícil detectá-las. Como elas parecem estar tão arraigadas na realidade, é fácil deixar de ver que não estão, e em que medida não estão. De certa forma, para esses meus amigos é mais difícil resolver esse problema do que para os outros que vivem muito mais iludidos, de uma maneira aberta, evidente, e até no plano intelectual; por outro lado, esses últimos podem ter um sofrimento mais agudo até chegarem ao ponto de questionarem sua interpretação dos acontecimentos e das reações das outras pessoas a eles. E existem também aqueles que acreditam que são muito sensatos, racionais e realistas, mas se iludem até quanto a isso.

O material da palestra de hoje pode ser uma ferramenta importante para todos vocês. Alguém quer fazer perguntas sobre esse tópico?

PERGUNTA: Descobri essa crueldade em mim com relação à vingança. Também sinto crueldade no isolamento e retraimento (minha forma de punir os outros). Agora, apesar de ter descoberto isso, não consigo deixar de ser assim, tenho que continuar. Você pode me ajudar a prosseguir?

RESPOSTA: Sim. Na verdade, o que eu disse nesta palestra é uma resposta. A sua chave particular, agora é perguntar a si mesmo por que sente crueldade. O que, na sua opinião, os outros lhe fazem? O que você espera que possa ser feito a você? O que você espera do outro? Por que você acha que o outro está agindo, agiu ou poderia agir de uma maneira que incita seus impulsos cruéis? Reconheça exatamente em que você acredita. Então, o passo seguinte é perguntar “Isso corresponde à realidade ou é apenas o que eu acredito?”

PERGUNTA: Para mim, parece real.

RESPOSTA: Claro que sim. É exatamente o que quero dizer. Como parece real, você parece precisar ser cruel. Você nunca questionou o fato dessa premissa ser real. Agora você precisa admitir a possibilidade de as coisas não serem como você acredita. Você precisa considerar a possibilidade de que possam ser diferentes do que você pensou. Esse deve ser o seu passo seguinte a esse respeito. Enquanto você deixar as coisas no nível de “É isso que acho”, com essa atitude vaga de “Talvez não seja, mas para mim parece real”, sem ver quais são as consequências dessa implicação, você não vai sair do lugar. Quando você quiser ver a verdade acima de tudo o mais e procurar alcançá-la, ela virá para você. Enquanto você ficar nesse clima enevoado, vai manter a crueldade. A crueldade será o seu prazer precário. Esse prazer terminará quando você entender os verdadeiros fatos, e isso só pode acontecer quando você quiser entender e levar em conta novos horizontes e possibilidades nos quais nunca pensou – quando você fizer especificamente essa pergunta: “As circunstâncias, o desejo da outra pessoa, os fatos são como realmente os vejo ou eu poderia estar enganado? Se forem diferentes, se a realidade for diferente do jeito que eu penso e sinto, gostaria de ver essa realidade. Eu me abro para essa realidade. Não prometo nem me obrigo a fazer nada, exceto ver a verdade.” Nesse caso a verdade virá, e a verdade eliminará o conflito e o sofrimento. Esse é o caminho.

PERGUNTA: Tenho muita consciência de minha crueldade e vulnerabilidade. Meus sentimentos são tão fortes, quando alguém me desconsidera, que tenho vontade de matar a pessoa que fez isso. No entanto, também sei que minhas reações podem ser exageradas. O que devo fazer a esse respeito agora que tomei consciência desse fato?

RESPOSTA: A palestra também contém uma resposta exata para você. Mas nesse caso, vou responder pessoalmente. Eu disse antes que, para algumas pessoas, as áreas de compreensão irrealista são relativamente pequenas, enquanto para outras são muito mais evidentes. Sem dúvida você

pertence à segunda categoria. Essa é uma faca de dois gumes, porque devido a essa irrealidade, à irrealidade das suas percepções, você sofre mais por causa dela mas, por outro lado, ela é tão flagrante que você terá mais facilidade em descobri-la e deixar de se iludir. Esse é um exemplo perfeito do que eu demonstrei na palestra. Essa abertura é maravilhosa e, com o pouco tempo de trabalho que você tem, ela já é muito forte. A sua vulnerabilidade também é relativamente acessível. Você acha que a protege separando-a do ego e procurando entorpecê-la por meio da crueldade. Por outro lado, a crueldade também é gerada pela sua má interpretação da realidade. Isso é extremamente forte e evidente, e portanto muito fácil de determinar, assim que você começar a questionar e considerar a possibilidade de uma forma séria. O que você acredita que as pessoas sentem e pensam e o que elas realmente sentem e pensam, o que você acredita que elas são e o que elas realmente são, são coisas muito, muito diferentes. Pense todos os dias, meu amigo, sempre que você se sentir insultado, desconsiderado, rejeitado, discriminado. Ponha todos os casos no papel. Eu quero que você faça isso todos os dias. Depois de algum tempo, daqui a algumas semanas ou mesmo alguns dias, você vai ver até que ponto, em quase todo o tempo em que você está em contato com pessoas, você no mínimo prevê rejeição e discriminação, desconsideração e desaprovação. E com muita frequência você acha que isso já aconteceu, quando de fato nada poderia estar mais longe da verdade. Agora, quando você começar a perguntar a si mesmo se seus sentimentos são verdadeiros e proporcionais ao que de fato acontece, e quando você quiser ver que a verdade talvez seja o oposto do que você até então acreditava, você vai fatalmente começar a sentir um alívio autêntico e duradouro. Quero que você trabalhe de acordo com essa orientação sozinho e também com o seu grupo. Pergunte a si mesmo o que você acredita que os outros membros do grupo acham de você. Ao levantar essa questão, compare com as reações efetivas deles a você. Descubra também o que está por trás das reações deles e porque eles sentem o que sentem. Todo o seu objetivo agora precisa ser descobrir o que realmente é e qual a diferença em relação ao que você acha que é verdadeiro. Depois disso você não vai precisar mais enrijecer o ponto vulnerável, que é a essência do centro vital, sem o qual não poderá ter uma vida bem-sucedida. Quando você enunciar exatamente o que acha que os outros sentem em relação a você e quando, com a mesma precisão, você enunciar a possibilidade de que pode estar enganado e considerar outras alternativas, um novo mundo vai se abrir à sua frente – um mundo livre, no qual você pode viver sem medo, um mundo de luz no qual você não precisará se isolar. Agora você acha que o mundo todo está contra você. Como você acha que o mundo todo está contra você disposto a magoar e desconsiderar você, a rejeitar e humilhar você, é preciso que você endureça. A crueldade é praticamente a única arma de defesa contra um mundo assim. Portanto, você não renuncia a ela. Mas quando começar a ver que as coisas não são assim, você não vai precisar da crueldade, vai ficar descontraído e leve, porque o mundo não será mais seu inimigo. As outras pessoas não serão mais suas inimigas. Observe a si mesmo agora, por exemplo. Quando você caminha pela rua, observe o sentimento sutil, mas bem definido, que os estranhos à sua volta despertam em você, como percebe a todos eles como seus inimigos. Nesse momento, pergunte: “Isso é verdade? Essas pessoas são realmente meus inimigos, ou poderiam não ser? Será que eles se sentem como eu – temerosos e perdidos? E quando ficam bravos, talvez se tornem agressivos como eu, achando que todos os outros são inimigos deles?” Milhões de pessoas passam umas pelas outras, todos os dias, cada uma achando que foi escolhida para ser perseguida. Muitas vezes é um sentimento sutil, ainda imperceptível, mas mesmo assim está presente. Depois de tomar consciência dele, você pode começar a questionar a exatidão da sua percepção. Dessa forma poderá encontrar o caminho para a realidade, e portanto para a verdade e a luz, num mundo que é maravilhoso, e não assustador.

Meus queridos amigos, que esta palestra desperte em vocês tudo que é saudável, criativo, construtivo e real. Vocês vão encontrar esses elementos logo “por trás” do centro vital vulnerável, assim que deixarem que suas manifestações, de emoções inicialmente inquietantes, atinjam a consciência. Façam isso e vejam o que vai se manifestar, principalmente quando a sua consciência admitir essa possibilidade. As constantes bênçãos dadas a vocês se aliam a esse poder interior e preenchem o seu ser de dentro para fora.

Fiquem em paz. Fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.